

# Project Z é nova base para discursos de ódio e crimes

Com maior moderação no Discord, plataforma de Singapura é inundada de pornografia infantil e conteúdo nazista

BRUNO ALFANO  
bras.alfano@o Globo.com

“Cuidado. T@r@do”. Ao entrar na rede social Project Z, em menos de 20 segundos a plataforma o conecta a um desconhecido para conversar. Na maneira interação que a reportagem teve ao testar essa ferramenta, já recebeu o alerta de um usuário: é preciso cautela com “tarados, pervertidos e golpistas” que frequentam aquele espaço virtual.

O Project Z é a rede social para onde foram extirpados os moderadores do Discord, depois que essa plataforma endureceu a moderação, afirma a pesquisadora Michele Prado, pesquisadora do Monitor do Debate Político no Meio Digital (USP). Procurado, o Ministério da Justiça informou que tem conhecimento da migração e feito “monitoramento permanente” da nova rede.

A plataforma é estruturada para o usuário conhecer novas pessoas. A interação com desconhecidos pode ser feita por texto, voz ou vídeo. Também possui salas temáticas em grupo, que são chamadas “Festas”. Com estética infantilizada, marcada por avatares de desenhos animados, o aplicativo exige idade mínima de 16 anos, mas é conhecido entre os participantes por ser frequentado por crianças e pré-adolescentes.

É nesse ambiente que são encontrados livremente conteúdos como apologia ao nazismo, racistas, venda de pornografia infantil e imagens de animais mortos ou sendo assassinados. O GLOBO não conseguiu contato com a empresa responsável pela plataforma, a Supersymmetry, de Singapura.

De acordo com o relatório produzido por Michele, o aplicativo é utilizado majori-

tariamente por “predadores e agentes maliciosos” e há muito material de menores se sexualizando, “vendendo vídeos e imagens de si”, além de grupos de alardeadores para “submissão violenta”.

Para a venda de pornografia infantil, os criminosos encontram os clientes no Project Z e fazem o envio do material em uma outra plataforma, um aplicativo de troca de mensagens como o WhatsApp ou Telegram, mas com enorme grau de privacidade. Nele, os usuários não precisam informar seus nomes de telefone, nem é possível fazer capturas de tela.

A pesquisadora afirmou no relatório que conseguiu monitorar uma dessas comunidades. Segundo ela, o grupo denominava-se “House das anjinhas”, com 103 membros. Ali, recebeu quatro imagens pornográficas de meninas ainda crianças e uma mensagem do dono da comunidade pedindo mais imagens.

As informações foram enviadas ao Ministério da Justiça e Segurança Pública e à Polícia Federal pela pesquisadora. Um link com a comercialização de 1,3 mil fotos e vídeos de pornografia infantil chegou a ser derrubado dois dias depois da denúncia. Ao GLOBO, a pasta informou que pela necessidade de manutenção do sigilo das medidas adotadas, não pode passar mais detalhes das ações realizadas. Já a PF alegou que não se manifesta sobre eventuais investigações em curso.

## MODERAÇÃO POR USUÁRIOS

No Project Z, já há uma espécie de marca para perfis com conteúdo nocivo. Segundo a pesquisadora, há indício de que diversos usuários criam perfis com o mesmo nome, Lukas Mathieu Henrique Duaxter, para a publicação de conteúdo pedófilo e nazista,

## Entenda o Project Z e seus riscos

**Conceito.** Ao entrar na plataforma, o usuário logo é convidado a entrar em contato com um desconhecido para fazer amizade. Essa conversa é feita em texto, áudio ou vídeo. A proposta do aplicativo é justamente fazer novos amigos.

**Tempo.** Depois dos primeiros 180 segundos, os usuários podem decidir continuar a conversa ou buscar uma nova pessoa. Usuários relatam que já nesta interação com pessoas aleatórias é possível receber conteú-

do criminoso ou sofrer aliciamento.

**Risco.** Sheryl Calelli, ativista pela erradicação da violência sexual e online, contou em uma publicação que, ao testar a plataforma, se passou por uma menina de 13 anos e em poucos minutos de conversa um desconhecido perguntou a ela: “Você já se masturbou?”.

**Turmas.** Também é possível encontrar grupos de bate-papo. Eles são chamados de “Festas” e divididos por áreas de interesse. São esses espaços que estão disponibilizados a maior parte do conteúdo criminoso.

Além da criação de grupos temáticos para o compartilhamento de conteúdo nocivo, os criminosos também invadem conversas amistosas para aliciar outros usuários.

**Layout.** Apesar de sigiloso, a interface mínima de 36 anos, todo o design gráfico da plataforma remete a ambientes digitais infantilizadas, com muitas cores e com a maior parte de avatares utilizando imagens de desenhos animados.

**Compras.** O ambiente digital do Project Z é todo gamificado: quanto mais interações, mais moedas de recompensa são

recolhidas — uma estratégia para aumentar o engajamento dos usuários. Essas moedas, que também podem ser compradas com dinheiro real, são trocadas por itens “estéticos”, conteúdos estilizados como figurinhas ou desenhos para a foto de perfil.

**Prevenção.** Especialistas apontam que pais de crianças e adolescentes devem sempre acompanhar as atividades digitais de seus filhos. Atualmente, os conteúdos nocivos no Project Z estão amplamente disseminados. Por isso, a Michele Prado recomenda a não utilização dessa plataforma específica.

ricana de TV em que, em um dos spin-offs, os protagonistas investigavam crimes sexuais — expõe perfis que vendem pornografia infantil e que aglutinam conteúdo “ultranacionalista”.

— Todos os dias a gente recebe inúmeras denúncias. Essa semana, tivemos uma alta de conteúdo pornográfico infantil. Apesar disso, vemos pouco ou nenhum esforço da moderação do aplicativo, e demoram para derrubar as contas responsáveis — conta um dos moderadores do grupo, que pediu para não se identificar.

— É comum, por exemplo, vermos postagens de Heil, Hitler ou com a bandeira da Alemanha nazista.

De acordo com Michele, há diversos indícios de uma migração de criminosos nos últimos meses do Discord para o Project Z.

— Consegui identificar várias comunidades naivas que havia no Discord com os mesmos termos e nomes de perfis — afirma Prado.

O Discord se popularizou entre jogadores de videogame para conversas nas partidas. No ano passado, no entanto, sofreu acusações de não mediar adequadamente conteúdo e expor adolescentes a conteúdos de violência extrema, além de disseminar pornografia, racismo, homofobia, misoginia e neofascismo. A Polícia Federal apreendeu menores suspeitos de promover esses conteúdos e um rapaz de 19 anos foi preso. A plataforma aprimorou os mecanismos de controle.

— Ainda há esse tipo de conteúdo no Discord, mas o ambiente melhorou — afirma Michele.



“Identifiquei no Project Z várias comunidades nocivas que existiam no Discord utilizando os mesmos perfis e os mesmos termos”

Michele Prado, pesquisadora da USP e fellow da Social Change Initiative, na Irlanda do Norte

mas vezes utilizando a foto do ditador Adolf Hitler. O conteúdo criminoso é tão abundante que os próprios usuários estão se organizando para melhorar a moderação. Um grupo chamado “Law&Order” — nome dado por conta de uma série ame-



“Cuidado. T@r@do”. Depois de denúncias e maior controle de conteúdo no Discord (ao ma), que havia se popularizado entre jogadores de videogame, Project Z passou a receber conteúdos de ódio e pornográficos.



Preso perto de casa. Brasileiro foi acusado de outros crimes em 2007

## Brasileiro é preso nos EUA por 12 acusações de pedofilia

Imigrante legal já havia sido acusado de crimes sexuais contra crianças

Um brasileiro foi preso nos Estados Unidos acusado de 12 crimes sexuais contra crianças em Massachusetts, informou ontem o setor de Operações de Execução e Remoção do Departamento de Imigração do governo federal. Foi a segunda prisão por esse tipo de crime do homem de 53 anos, que chegou a Miami em 2001 como não-imigrante e passou a morar no país sem o visto de permanência. Ele foi detido por oficiais de deportação em 28 de março, perto de sua casa, em Revere, no es-

tado de Massachusetts.

O brasileiro já havia respondido a um processo na Justiça de Middlesex em 2022, por cinco acusações de estupro de uma criança e mais quatro de estupro contra menor, violação de uma terceira criança, agressão indecente e agressão a um menor de 14 anos e uma acusação de material obsceno com crianças. Ele havia sido preso em dezembro do ano anterior e foi mantido em uma prisão em Middlesex, um dos condados com maior número de imigran-

tes brasileiros nos Estados Unidos. Mas o Tribunal Superior de Middlesex o libertou em novembro de 2022.

— Este cidadão brasileiro foi acusado de alguns crimes horríveis e perturbadores — disse o diretor do Departamento de Imigração responsável pela prisão, Todd M. Lyons. — Não é o tipo de pessoa que queremos interagindo livremente com as crianças dos nossos bairros.

Antes do processo de 2022, o brasileiro já havia sido preso em março de 2007,

após uma investigação conduzida pelo Departamento de Polícia de Everett e pelos Correios. À época, ele foi considerado apto para a deportação, de acordo com a Lei de Imigração e Nacionalidade dos EUA, e colocado em processo de remoção do país. Mas o homem deixou a custódia no mês seguinte, aguardando o processo de remoção, e um juiz deu ao brasileiro o direito de sair voluntariamente dos Estados Unidos para o Brasil até junho de 2008.

O suspeito de pedofilia saiu dos EUA antes da data limite. Mas entrou ilegalmente novamente no país, em uma data desconhecida e em um local desconhecido, sem ser inspecionado, admitido ou libertado em liberdade condicional, segundo o Departamento de Imigração.